

base dêle muitos pontos duvidosos da sua primitiva descrição de Isleta), quando se considera que certos detalhes dificilmente poderiam ser revelados em apresentações verbais ou mesmo em fotografias.

*Gioconda Mussolini*

\*

ANITA e TULLIO SEPPILLI: *L'Esplorazione dell'Amazzonia*. VIII + 480 págs., com 223 ilustrações no texto. Col. La Conquista della Terra, vol. 11. Unione Tipografico-Editrice Torinese. Turim, 1965. (L. 5000.)

A humanidade se empenha hoje em explorar o espaço cósmico. Até aqui as suas maiores aventuras, ora guerreiras, ora pacíficas, foram a exploração e a conquista de nosso próprio planeta. E neste conjunto de feitos, visto na perspectiva do tempo, as sucessivas tentativas no domínio sôbre um território imenso e bravio, cheio de mistérios, como o é a Amazônia, representam algo de fascinante.

Para pôr em relêvo êste caráter, nem seria preciso concentrar-se, mais ou menos exclusivamente, nos episódios romanescos que pontilham a grande emprêsa. Mas como a obra de Anita e Tullio Seppilli foi escrita para um grande público, de variado interêsse, é natural que os autores hajam dado preferência a êsse aspecto. De acôrdo, sem dúvida, com o caráter geral da coleção de que o livro faz parte, quizeram apresentar, antes de mais nada, um relato interessante. Deve-se reconhecer que o conseguiram. É uma obra de geografia histórica, que pode ser lida com proveito igualmente pelos que se dedicam à história política, à história das missões religiosas, à antropologia.

Parece, entretanto, que o volume foi composto sem o necessário vagar. Todos nós conhecemos a impaciência dos editôres, muitos dos quais costumam a entender que o trabalho científico, inclusive a boa obra de divulgação, nem sempre é compatível com a rigorosa execução de um rígido programa editorial. Tudo sugere que os Seppilli, cuja competência é conhecida, escreveram sob a pressão do tempo. De outra forma não se explicaria o deficiente equilíbrio no tratamento dos temas, nem uma série de erros que facilmente poderiam ter sido evitados. Tampouco se compreenderia a omissão de elementos essenciais para uma visão satisfatória do conjunto.

Em grande parte, a história da descoberta, da exploração e da ocupação da Amazônia é a do próprio continente sul-americano. Com razão, os autores a enquadram no grande painel que vai da costa atlântica aos altiplanos andinos. Neste empenho, porém, narram e descrevem grande número de coisas, interessantes sem dúvida, mas que desviam a atenção do leitor, por nem sempre se perceber o nexos que possam ter com o assunto central. Por outro lado, não se encontram mencionados uns tantos fatos capitais da geografia histórica da própria baixada amazônica.

Esta falta se faz sentir principalmente no capítulo relativo às expedições científicas do século passado e do atual. Estranha-se que um etnólogo se esqueça, por exemplo, de relatar as explorações de um Karl von den Steinen e de outros viajantes que andaram pelo vale do Xingu, regressando com resultados notáveis para a ciência. Não caberia também alguma atenção às expedições de Koch-Grünberg, de Barbosa Rodrigues, de Curt Nimuendajú e de outros homens de valor que investigaram os segredos do grande vale e de suas primitivas populações? É uma pergunta que surge naturalmente à vista da freqüência com que aparece o nome de autores, como d'Évreux, que não trataram propriamente daquela região. Entre os exploradores italianos, todos êles citados apenas de passagem, talvez conviesse destacar com maior realce o incansável Ermanno Stradelli,

famoso por sua contribuição ao conhecimento da mitologia e da lingüística. Seria homenagem nada mais do que justa a um homem que dedicou a vida ao estudo da região. E para dar bem a idéia de que nem de longe estão revelados todos os mistérios da floresta amazônica, não faria mal alguma referência menos rápida a cientistas de nossos dias, como, por exemplo, a Ettore Biocca, italiano também, que ainda há uns três anos voltou de uma expedição com descobertas muito importantes no campo da parasitologia e da etnologia.

A ciência, afirma-se, não tem pátria; os cientistas sim, ainda mais quando são exploradores. Não se lhes troque, pois, a nacionalidade. Na legenda duma ilustração, Léry aparece como espanhol (pág. 435); no índice, Poeppig está como botânico francês (pág. 476), e Martius surge como austríaco também no texto (págs. 188 e 410). Estes e outros descuidos de revisão, entretanto, se corrigirão facilmente em edição futura, que por certo não tardará.

É muito boa a apresentação gráfica do volume. A riqueza de gravuras é extraordinária, mas a sua seleção não satisfaz. Dispomos hoje de tão abundante material fotográfico, e de excelente qualidade, sobre a Amazônia em todos os seus aspectos, que não se justifica a inclusão, como que para sair de um embaraço, de ilustrações de monumentos arqueológicos mexicanos, de igrejas coloniais mineiras, de tipos e cenas indígenas das mais diversas áreas sul-americanas. Em lugar de um sem-número de fotografias e desenhos de objetos da antiguidade peruana, sem dúvida bonitos, mas em sua maioria bastante conhecidos, desejaríamos ver uma amostra que seja da cerâmica marajoara ou da arte de Santarém. Faz falta também um bom mapa moderno da bacia amazônica.

Em que pêsse a tudo isso, há no livro muito que aprender. O estilo, vivo e pitoresco, mantém alerta o leitor do começo até o fim.

*Egon Schaden*

\*

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: *Made in Africa*. 193 págs., 2 pranchas. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1965.

Câmara Cascudo, folclorista conhecido no Brasil e no mundo, acaba de acrescentar mais uma obra a sua muito respeitável produção científica. O livro, um tanto rapsódico, vale por um passeio instrutivo pela África e pelo Brasil. Tem por objeto principal sobrevivências culturais negras em nosso país, coisas com que o autor estava de longa data familiarizado através de seu vasto conhecimento do folclore nacional e que foi como que redescobrir em viagens que fêz, há poucos anos, pelo continente africano, ocidental e oriental. A par dêsses elementos, vindos de lá com a importação de escravos, apontam outros, de origem brasílica, hoje integrados em culturas do Continente Negro. Dos primeiros, muitos já cuidaram; o que falta investigar melhor é a influência brasileira em terras africanas e o refluxo cultural afro-brasileiro para além do Atlântico.

O subtítulo "Pesquisas e notas", apôsto entre parênteses, não promete uma análise em profundidade, que não poderia estar nas intenções do autor. Não pretende êle estudar de forma exaustiva a nenhum dos temas que aborda, já que para tanto seria preciso um volume de cinco ou dez vezes o tamanho dêste. No prefácio, adverte ao leitor que não quer discutir, apenas verificar. O que não impede que, vez por outra, manifeste a sua opinião em questões controversas, indicando algum argumento em que se apóia.